

# História da Virilidade: a invenção da virilidade, da Antiguidade às Luzes

*Eduardo de Andrade Machado*

Universidade Federal do Piauí  
Teresina - Piauí - Brasil  
eduardo.deandrade@hotmail.com

---

**Resenha da Obra:** CORBIN, Alain; COURDINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs). *História da virilidade*. (1. A invenção da virilidade, da antiguidade às Luzes). Petrópolis: Ed: Vozes, 2013. 614p.

---

*História da virilidade* é co-dirigida por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, e Georges Vigarello, este último é diretor do primeiro volume, que ora nos ocupa (*A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*), o qual reúne 15 pesquisadores, entre a história, literatura, e crítica cultural, provindos de ambiente acadêmico francês e estadunidense. Dividido em seis partes: Parte I - “Virilidades gregas”; Parte II - “Virilidades romanas: *vir*, *virilitas*, *virtus*”; Parte III - “O universo bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade”; Parte IV - “O medieval, a força e o sangue”; Parte V - “O mundo moderno, a virilidade absoluta (séculos XVI-XVII)”, esta subdividida em oito capítulos de autoria diferente: “A virilidade e seus “outros”: a representação da masculinidade paradoxal”; “A virilidade dos clérigos”; “O calor dos homens – Virilidade e pensamento médico na Europa”; “Louis XIV ou a virilidade absoluta?”; “Do guerreiro ao militar”; “Confusão de gêneros e experiência teatral”; “O testemunho da pintura”; e “O viril e o selvagem das “terras descobertas”; e, por fim, a Parte VI - “As Luzes e a virilidade inquieta”, subdividida em três capítulos: “Virilidades populares”; “Jogos de “exercício” divertimento e virilidade”; e “Homens de ficção”. Introduzindo a obra tem-se “*A virilidade*, da Antiguidade à Modernidade”.

Georges Vigarello, ao apresentar a obra, pesquisador da higiene, dos corpos, da beleza, dos santos, dos esportes, da obesidade (também pela editora Vozes em 2012 traduziu-se *As metamorfoses do gordo – História da obesidade*), diretor de estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, com experiência em coordenação do Centro Edgar Morin, define que o objeto de interesse, a virilidade, atravessa os tempos, as sociedades, as culturas, os cotidianos, as sociabilidades, as ações individuais e coletivas, a

economia, o urbano, o rural, modulando relações de poder ligado ao corpo e a códigos sociais internalizados na conjunção do antropos (coletivo humano). O vir latino expõe a parte máxima ou mais perfeita do homem. Afirmção de homem, a virilidade articula a ascendência social e sexual, legitimando a dominação masculina, através das organizações humanas. O vir (viril) é mais do que homo (homem): representa o homem sem falhas, distante das contradições e falhas, associados à subordinação. Da exposição da força física à contenção dos hábitos, são múltiplas imagens e ações viris. Perscrutar a formação histórica da tradição da virilidade é inserir-se no terreno móvel dos agentes e das culturas humanas, e às temporalidades lançarem-se questionamentos sobre o entendimento próprio de suas experiências em sociedade.

Maurice Sartre, professor emérito de História Antiga na Universidade François-Rabelais em Tours, França, especialista em história do Oriente-médio helenizado, é autor da Parte I da obra, explanando acerca do aprendizado social da virilidade, pautada sobre a *andreia*. Interrogando os modelos educacionais espartano, ateniense e cretense, mencionando os lacedemônios, entre a história da antiguidade grega em perspectiva civilizacional, os adestramentos voltados à formação de militares guerreiros, contendo ritos de iniciação sexual entre os jovens e os velhos, ensina ao controle da *Eros* para o exercício da política, do governo de si, defesa do lugar, controle da casa, para a máxima afirmação da virilidade com o domínio sexual da esposa e geração de varões sucessores. Ao explorar representações documentais dos textos à cerâmica, analisa a disseminação da *andreia* em toda ética social, definindo identidades, e marca os ritos de passagem do nascimento à consolidação da criança (*paides*), à juventude (*neoi*), e à vida adulta (*andres*), observando as expectativas e as desconexões práticas com as normativas culturais, apresentando-as como dotadas de historicidade.

Jean-Paul Thuillier, professor de latim na Escola Normal Superior em França, pesquisador da história do esporte antigo e da civilização etrusca, apresenta a Parte II “Virilidades romanas: *vir*, *virilitas*, *virtus*”. A língua latina, que comporá a civilização romana, adapta e altera inúmeras conceituações, tal como são diferentes os costumes e práticas sociais. Influenciada pela civilização etrusca, a sociedade romana atribui maior importância à mulher, que os gregos. O domínio da *Urbs* é masculino, embora boa parte dos líderes políticos sejam contraditórios (*molles*) na regência romana, após a conquista da Grécia, criando o dissenso e dando contorno à virilidade, esta possui significação. De *vir* extrai-se *virilitas*, representando tanto idade quanto os órgãos masculinos, o que o diferencia do *adempta*, eunuco, e o impotente (*iners*). Na cultura latina, os órgãos sexuais, a barba, os pêlos, fazem parte do repertório corporal que articula e publiciza a virilidade. A depilação é

feminina, e afeminado o homem que a pratica. É prezado, ainda que minimamente, o asseio do corpo, barba, cabelos, e limpeza de unhas e dentes. Ao *vir*, contrasta. A cor da pele bronzeada, o trabalho sobre o físico (*homo umbraticus*), a prática de esportes em centros propícios (*campus*), como corrida, equitação, luta, boxe, natação com ou sem bolas, qualificam a *virilitas*. No pólo oposto estão os “delicados” (*malacus*), os “encaracolados” (*cincinnatus*), e “os que passam a vida na sombra” (*umbraticulus*), sendo considerado afeminado aquele com pele muito branca. O romano deve conter-se na expressão de suas emoções (inverso da *impotentia sui*), dominar-se (*virtus*), diferenciando-se do caráter colérico (*gens impotens irae*) atribuído a Gauleses e bárbaros.

Bruno Dumézil, pesquisador da Alta Idade Média Ocidental, membro-júnior do Instituto Universitário da França, e mestre de conferências na Universidade de Paris X – Nanterre, redige a Parte III. A virilidade bárbara impõe-se centrada numa negação da *pax*, da luxuosidade, e da beleza estética romana. Por volta do século IV, se estrutura entre os avanços da cristianização da sociedade, promovida pela política imperialista romana, e os contrastes entre a romanidade e germanidade. A ausência de segurança e a rudeza do meio natural torna necessário empunhar armas e defender a família, sua casa e sua liberdade. Eleva-se na virilidade bárbara o valor guerreiro da lança, escudo, coragem e disciplina. A castidade é prezada como qualidade de controle e hombridade. O casamento tem razões mais políticas que sensuais. Ser casto, entre os Francos, e bom guerreiro, até o casamento, dignifica o indivíduo pelo seu Rei, autoridade masculina. Sua casa de madeira é simples, sua alimentação também. Se a ocupação com futilidades não é bem vista, em geral recluso, ao seu contato com a civilização adere aos seus vícios, como jogos, bebidas, e mulheres. Nem sempre violentas, as diversões bárbaras estão ligadas a um mínimo de solidariedade entre o grupo. Sua virtude é ligada ao seu ambiente. À análise dos ritos fúnebres, armamentos, pentes, tesouras, e anéis de homenagem régia, são elementos de distinção viril que recobrem o túmulo dos machos. Os cabelos e os pêlos raramente são cuidados, dotando os objetos de valor. Às tumbas de mulheres, recobrem os utensílios domésticos, tecidos, e utensílios manufaturados. Do século VI em diante, há vários registros textuais bárbaros atestando as leis bárbaras proibirem a homossexualidade, o que demonstra um distanciamento da cultura romana, é certo que mais a passiva que a ativa, configurando como pecado contra Deus, não contra a identidade masculina individual, no que os monges condenam mais preocupadamente práticas da zoofilia. Há, entre os bárbaros, distinção do ardor sexual e valor viril. A honra do indivíduo representa a familiar, e, portanto, o equilíbrio entre famílias rivais prescreve ser evitada a adulteração, e duramente reprimida, quando não evitada. A vingança, em defesa da honra, é tanto masculina quanto feminina. Os

Merovíngios aristocráticos do século VII, a este exemplo, casam-se e separam-se com frequência, imitando a dinâmica sexual das famílias reais. As violações, estupro e demais abusos impõe uma virilidade que a mulher deve internalizar, para justa defesa, sendo virtuosa ao combater violentamente seu agressor. Entre os Lombardos (longas barbas), as mulheres combatentes traziam cabelos amarrados diante dos seus rostos. Entre os Francos, há longos debates sobre a tolerância da ação militar feminina, para defesa do coletivo. A mulher deve ser, em geral, protegida pelos homens (*mundium*) bárbaros. À proteção, somam-se o dote e presentes (*morgengabe*). A prática do rapto eventualmente tem fim de acelerar a confirmação dos casamentos, na ausência de consentimento familiar.

Na transição entre século VII e VIII, novo ideal de homem advém, e por volta do século IX e X, se exprimirá com maturidade na sociedade feudal. O enfraquecimento merovíngio, a expansão aristocrática, a concepção de Poder como algo de natureza feminina que demanda então o controle masculino, relativa ascensão carolíngia, o combate a pagãos e sarracenos, a elevação da fé católica, a consideração da família como um clã de configuração patrilinear, massificação da cavalaria, surgimento de novas elites, rearranjam a virilidade. Autoridade régia, nobreza, cavaleiros, e clérigos passam a compor a sociedade feudal, notadamente hierárquica, masculinizada, viril, que se impõe sobre os camponeses, pobres e escravos. O resultado das mestiçagens desemboca numa flexibilizada perda de pilosidade e acentua à virilidade teor cultural e moral, perdurando largueza e proeza como valores essenciais da atividade guerreira bárbara, afirmando a moral cavalheiresca, e delimitando mais ainda a dominação do homem sobre a mulher. Claude Thomasset, professor emérito de História da Língua Francesa na Universidade de Paris – Sorbonne (Paris IV), que anualmente publica pela editora desta instituição os autos de seus seminários sobre civilização e história das ciências medievais, redige a Parte IV, analisando na literatura de cavalaria, as ideias sobre a construção do reconhecimento de qualidades que socialmente difundiriam os valores viris. O urso estaria entre as imagens mais proliferadas em toda a literatura medieval, indicando a força dos guerreiros, fazendo parte do imaginário e cotidiano social na Alta Idade Média. Os contos, encenados nas tabernas, entre o consumo de vinho, impregnam-se de mitos e narrativas sobre grandes feitos, as feridas, a boa morte, de personagens camponeses, vilões, e altos cavaleiros, que ora impressionam, ora servem como exemplo moral. Na medicina medieva, os sistemas explicativos diferem o corpo masculino do feminino, justificando dominação e subordinação, centrada na reprodução, o que desemboca em inúmeros estudos sobre o corpo, do sêmen aos temperamentos, resgatando a literatura da antiguidade e mesclando-a à influência árabe, perscrutando e formando a virilidade masculina.

O viril não se ilude, no exercício de seu domínio, tal como não ignora a própria fragilidade, ao aplicar sua força. A Parte V entra assim, nos estudos sobre a formação da modernidade. Multiplicam-se as presenças. O professor de Literatura Comparada e de Pensamento Francês, no estadunidense Darmouth College, em Massachusetts, Lawrence D. Kritzman, diretor do Instituto de Estudos Culturais Franceses, pesquisador da história cultural e intelectual da França do século XX abordando teoria literária e psicanálise, e literatura francesa do século XVI, especialista em história cultural, religiosa e política da Renascença. A professora da Universidade Paris I-Panthéon-Sorbonne, Jean-Marie Le Gall. Rafael Mandressi, historiador do corpo e da medicina na época moderna, pesquisador no Centre Alexandre-Koyré, do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). Articulando história política e cultural, Stanis Perez, com pesquisa sobre as representações em torno dos reis franceses e espanhóis nos séculos XVI-XVIII, sobretudo Louis XIV, historiador do corpo e da saúde, professor na Universidade de Paris XIII – Villetaneuse. Hervé Drévilion, especialista em abordagem sociocultural, na relação entre sociedade e o Estado, diretor no Instituto de Estudo Estratégico da Escola Militar e professor de História Moderna na Universidade de Paris I-Panthéon-Sorbonne. Nadeije Laneyrie-Dagen, pesquisadora do corpo, especialista de História da Arte Moderna entre os séculos XI e XVII, professora de História da Arte na Escola Normal Superior. Estes autores compõem a Parte V da obra.

Na modernidade, a virilidade desfruta mais de controle, simbolismo. O homem define-se viril na diferenciação diante de homens fracos ou desajeitados, e das mulheres. Os clérigos transitam entre os soldados do Senhor e os afeminados solicitantes dos confessionários, em busca da manutenção contínua de renovação da moralidade casta ou se vendo diante das transgressões individuais dentro da instituição eclesiástica em sua disseminação continental. As tropas militares, os jovens, as moças, e mulheres, continuamente sob vigília. A virilidade como virtude conjuga a destreza, habilidade gerencial, ponderação, vigorosidade, contenção, coragem, comedimento, fertilidade, força física, segurança, maturidade, autocontrole, excelência, e virtuosidade.

O deslize e a insuficiência separa os fracassados dos bem sucedidos. Conforme há a variabilidade dos parâmetros de virilidade, entre sociedades guerreiras e sociedades civilizadas, os deslocamentos garantem ainda a permanência do ideal de virilidade como legitimadora do poder do homem sobre a mulher, não obstante a subjetividade feminina também é classificada dentro de critérios de virilidade prescritas pela ascendência masculina, ou paralela a tal estruturação. Homossocialidade, bestialidade, animalidade: os desvios do parâmetro civilizacional pautado no homem viril passam a limitar a virilidade

ela própria. A leitura que os países formados em torno de reinos e cortes fazem de si e dos costumes dos estrangeiros, da “Índia” e da “América”, tende a diferenciar-se do Velho Mundo seu caráter rudimentar da gestação bárbara das mesmas nacionalidades que destituíram o império romano. Devida à vastidão de documentação utilizada e de referenciais, os estudos sobre modernidade poderiam ser mesmo publicados em unidade própria, posto que por ser polifônica, constrói uma obra dentro do volume.

A pesquisadora do Centro Nacional de Pesquisa Científica pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (CNRS – Ehes), historiadora dos arquivos judiciários, comportamentos populares, e das mulheres (séculos XVI-XVIII), Arlette Farge; Michel Delon, professor de Literatura Francesa na Universidade de Paris-Sorbonne, com extensa pesquisa na literatura setecentista e cultura das Luzes; e a coordenadora de grupo de estudos na Casa das Ciências do Homem, pela Universidade Paris-Nord, sobre saúde e saberes médicos difundidos socialmente na França (Século XVI-XVIII), Elisabeth Belmas, professora de História Moderna na Universidade de Paris XIII, encerram o tomo de *História da virilidade*, redigindo a Parte VI.

Se a construção dos bons modos se torna normativa viril, os populares, entre conflitos de ricos e pobres, destoam do modelo requisitado. Falar alto, beber desregradamente, não assumir os parâmetros de higiene, ausência de exposições do saber livresco, como todo tipo de descumprimento da moral política e religiosa passam a denotar uma “natureza” dos populares. Honra familiar, potência sexual, casamentos arranjados, prescrição de decência da mulher, e estímulo da exibição do macho nas atividades esportivas e sociabilidades ligadas à força e ao trabalho. Os teatros, a leitura de romances, a moral difundida pela pedagogia educacional. O ideal de ascensão intelectual pela Iluminação. As reformulações da ligação com a natureza. Expressões sentimentais encenadas ou manipuladas. Uma gama de relações entre os poderes que tensionam a realidade social pela cultura são apresentados pelos autores, situando a progressão e consolidação dos ritos modernos, quanto a criação de um refinamento, em meio ao remodelamento civilizacional diante da cultura do Antigo Regime, expressivamente tratado no século XVIII.

Percorrendo desde o século V a.C a meados do século XIX, a obra salienta seu caráter de referência e síntese de estudos clássicos e recentes, de muito fôlego na historiografia, lidando com fontes documentais as mais variadas, desde papiros, cerâmicas, inscrições de urnas funerárias, enciclopédias, manuscritos, correspondências, livros de diversos formatos, representações pictóricas, canções, poemas, além de inúmeros tratados médicos, religiosos, filosóficos, políticos, percorrendo formações imperiais da civilização grega, à romana, bizantina, aos bárbaros e conseqüentemente a formação continental e

expansão ultramarina da Europa, analisando a vida pública e privada, do cotidiano aos sentimentos, procurando pelos espaços, tempos, e atitudes da vida humana, aonde a virilidade manifesta-se simbólica ou praticamente como conduta e código sociocultural antropológico. Recorte pretensioso, e por isto mesmo de leitura interessante, pelas possibilidades disseminadas para o público brasileiro e lusófono de se estudar a virilidade e a masculinidade como algo dotado de historicidade, longe de estar confortável em terreno de imobilidade.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Eduardo de Andrade Machado** é mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

---

Recebido em 19/04/2019

Aceito em 14/05/2019